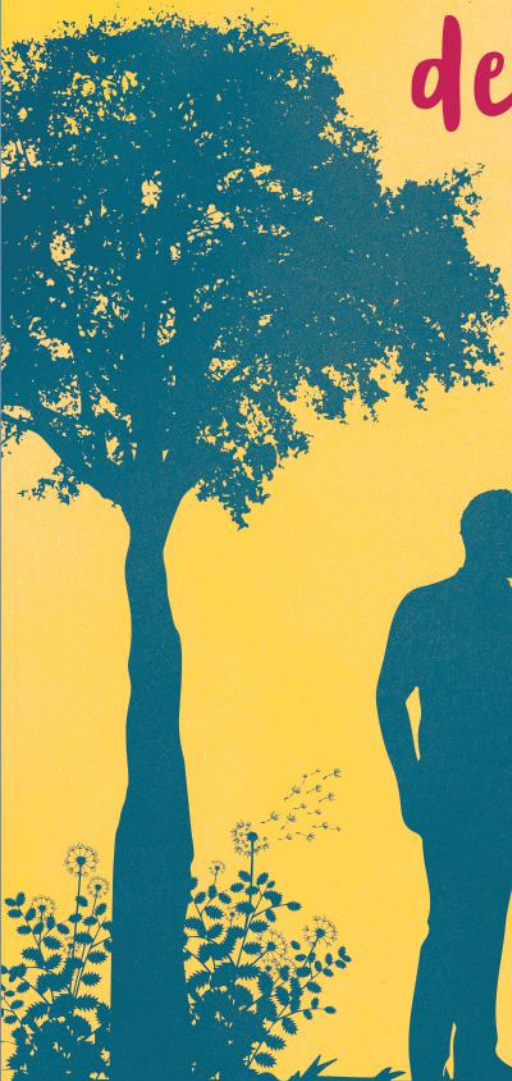


Jem Lester

Silêncios de Amos

« Memorável. Parte-nos o coração,
mas é maravilhoso. »

The Independent



TOP
SEL
LER

As palavras perdem o sentido
se não dissermos a nossa verdade.

Serviços para a Infância de Wynchgate
Centro Cívico
Brown Street
Londres N24 3EA

18 de janeiro de 2011

Assunto: Jonah Jewell nascido a 11 de maio de 2000

Exmos. Sr. e Sra. Jewell

No seguimento do vosso pedido e da discussão com o painel de Necessidades Educativas Especiais/Necessidades Complexas para que considerasse a possibilidade de colocar o Jonah numa escola residencial especializada para crianças com autismo, informo que o painel concluiu por unanimidade que as necessidades sociais e educativas do Jonah serão adequadamente satisfeitas pela sua permanência nesta zona.

A política deste município é educar as crianças na região sempre que possível, usando uma abordagem que envolve a cooperação de várias agências para as apoiar em casa e no contexto escolar.

Todos os relatórios reunidos sugerem que o Jonah está a ter um progresso apropriado na escola de Roysten Gate e que é extremamente bem apoiado por uma família afetuosa. O painel recomendou, assim, que a transição do Jonah para a recém-melhorada Escola Secundária Maureen Mitchell prossiga em setembro de 2011.

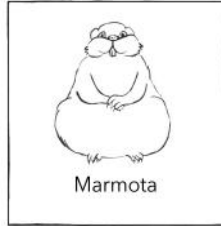
Cordialmente,
Adele Latchford
Diretora dos Serviços para a Infância

cc. Claire McDonald, Terapeuta da Fala
Anita Kaur, Psicóloga Educacional

Jennifer Porter, Diretora da Escola de Roysten Gate

Emilio De Rossi, Pediatra

Mary Carey, Assistente Social



A Emma espera na cozinha, porque o cheiro lhe dá vômitos. Depois, o dia desenrola-se como todos os outros: a água do banho a correr e o Jonah de pé meio encharcado, enquanto eu abro as janelas, removo os lençóis e pulverizo a cobertura do colchão com desinfetante. Enrolo os lençóis com o pijama malcheiroso. Fecho a fralda fedorenta e as toalhitas sujas num saco de plástico e ele entra aos saltinhos — a água coberta de bolhas transforma-se num consomê amarelado. Limpo-o vigorosamente, lavando as partes mais teimosas, e seco-o com a *sua* toalha azul-escura — qualquer outra provocaria uma birra. Depois de vestido, enxoto-o para o fundo do corredor para ir tomar o pequeno-almoço. É esta a nossa divisão do trabalho — ela trata do que entra e eu trato do que sai.

A carta está aberta em cima da mesa, evidentemente amachucada e depois endireitada. Não falamos durante pelo menos dez minutos — menos do que isso e a culpa é minha. Aprendi a jogar o jogo da espera. Finalmente, pego nela e leio-a: não contém nenhuma surpresa, mas ainda me sinto indignado.

— Pronto, então está decidido.

— Otimista como sempre.

— Isto é orwelliano. O que vem a ser *apropriado*? Achas que eles acreditam na sua própria novílingua?

Sentar-me à mesa da sala de jantar com a cabeça apoiada nas mãos tornou-se a minha pose de ioga ao pequeno-almoço — a postura *porquê eu?*

Este breve momento de autocomiseração não durou mais de um minuto, mas foi quanto bastou para o nosso filho desaparecer de vista.

— Onde é que ele está? Jonah? Não estavas a vigiá-lo, Ben?

— Eu estava a falar contigo — respondo, dirigindo-me para a cozinha, que é o recreio matinal do Jonah se não tivermos atenção.

Ele não está lá, mas as provas estão: uma embalagem vazia de *Cornish Vanilla*. Há gelado nos armários pretos, no frigorífico de inox, no chão de mármore e, quando me volto para a porta da cozinha, também no seu cabelo pelo comprimento dos ombros, a cobrir-lhe o rosto e no fato de treino azul.

— Oh, meu grande sacana. Emma, ele precisa de tomar banho e trocar de roupa.

Vemos a carrinha a levá-lo, sentindo um alívio manchado pela culpa.

A Emma chora.

— Não consigo fazer isto.

O choro dela deixa-me com os nós dos dedos brancos.

Escolho as palavras erradas com calma.

— Não sejas tão melodramática.

— Cala-te, Ben. Qual é a tua ideia brilhante? Apontar a pistola do teu pai ao painel e fazê-los reféns até cederem?

— Tipo Bonnie e Clyde?

A imagem fá-la rir. O riso neutraliza o ácido do meu estômago. Passámos por isto muitas vezes nos últimos dezoito meses, mas o humor que nos salva tornou-se negro e já não conseguimos ver-nos um ao outro. Por isso ela fala muito. Repetitivamente. Um mantra da infelicidade.

— Não consigo deixar de me lembrar daquelas palavras a saírem da boca dele: bolha, porta, papá, mamã. Porque é que parou? Ontem à noite sonhei que ele entrava na sala e começava a falar comigo, e o mais estranho é que era a voz *dele*. Tenho a certeza de que era. Quando acordei,

estava convencida de que era verdade e foi então que te ouvi na casa de banho, a limpá-lo, e a desilusão deu-me náuseas. Já te aconteceu?

— Algumas vezes.

Mas não é verdade.

Ela volta a estudar a carta enquanto eu termino o meu café. Vejo-a a virar o olhar para cima e a passar os dedos pelo cabelo castanho, com uma madeixa grisalha destacada pela luz. Os lábios dela murmuram as palavras enquanto ela abana a cabeça e depois a voz ergue-se num suspiro quando repete a expressão: *família afetuosa, família afetuosa, família afetuosa*.

— São perversos. Isto está tudo mal. Estamos a ser castigados por o amarmos e cuidarmos dele, e por ele não ser um autista tão bom como podia ser.

— Nunca será o representante de Inglaterra nas competições de autismo.

— É como se estivessem a perseguir-nos por não termos ficado completamente destruídos pela situação. As coisas ainda não são suficientemente más. Ele não precisa de andar de capacete nem de auscultadores, e nós ainda não nos tornámos toxicodependentes.

— Ainda.

É um sistema impressionante, uma análise custo/benefício, sem o elemento humano.

Digo:

— Talvez eu possa ter um esgotamento nervoso, e tu podes apalpar um cliente e ser expulsa da ordem, e assim tornamo-nos pobres e loucos. Achas que pode ajudar? E se ainda assim as coisas não melhorarem, podemos sempre separar-nos. Eles adoram pais solteiros.

Rio-me para mim mesmo com a loucura de tudo aquilo.

Olho para ela, mas ela não está a olhar para mim e não está a rir. Pega na pasta e sai.

— Até logo — digo enquanto a porta se fecha.

* * *

Chego ao armazém às onze — onde centenas de pratos esperam para serem lavados, cobertos com os restos de comida da celebração que endureceram e apodreceram durante o fim de semana. Este é o meu ritmo diário: mesas, cadeiras, louça, talheres e copos — enviados em perfeito estado, recolhidos no caos, lavados, embalados e enviados novamente. É a vida de quem está farto da vida.

— Vou almoçar.

O Valentine, que com mais de um metro e oitenta e ombros largos parece um jogador de críquete das Índias Ocidentais, não levanta o olhar dos copos que está a polir.

— Vou almoçar.

— Eu ouvi — responde ele. — Levas o telemóvel? Olha que não o vou atender.

— Não demoro mais do que uma hora.

— A-hã.

— Volto ao meio-dia.

— Está bem.

— Deixa ir para o correio de voz.

— OK.

— Se o meu pai chegar, diz-lhe que fui fazer uma entrega.

— OK.

Tiro vinte libras da caixa de trocos e saio pela loja de cópias ao lado para a rua principal. O Vinod bloqueia-me a passagem.

— Preciso de falar contigo sobre a renda.

— Tenho uma reunião. Pode ser ao meio-dia?

— Disseste isso ontem.

Passo por ele e saio disparado pela porta da frente.

— Seiscentas e vinte libras, Ben.

— Não há problema.

Mas há.

— Bom dia, Ben.

— Andrea.

— *Guinness*?

— Por favor, querida.

Ela fala enquanto serve.

— Como estão a correr os apartamentos, querido?

A Andrea, com o seu cabelo castanho com uma permanente, tem a altura de uma *top model* e a voz e a maçã de adão de um lutador de boxe.

— Ainda estou à espera que a maldita câmara aprove o alvará de construção. Cabrões.

— Cabrões. Ainda assim, suponho que te dá tempo para trabalhares na tua casa?

— Claro — respondo, sentando-me num banco junto ao balcão em forma de ferradura. — Maldito departamento de urbanismo.

Este é o meu alter ego, projetado para os outros membros do Clube dos Bebedores Profissionais — todos comerciantes, todos irlandeses — num esforço para me enquadrar. Portanto, é cedo e estou alegremente sozinho no bar com um copo de *Guinness*, a afogar a minha angústia. Gosto das paredes revestidas a madeira, do chão pegajoso e da companhia irlandesa. Adoro que pensem que sou um deles. Aconteceu por acidente, mas eu não os corriji, e agora minto acerca de tudo, desde o reboco das paredes até ao Papa. É bom ser católico durante algumas horas por dia; gosto de vestir essa identidade. É certamente melhor que a ignomínia de alugar equipamento de *catering*, e adoro o anonimato. Não foi fácil, tive de conquistar este lugar — cinco meses no bar público antes de arranjar coragem para me juntar a eles. Ainda estou a começar o meu segundo copo quando o meu telemóvel estremece em cima do balcão do bar como um bicho-de-conta virado ao contrário. JONAH: ESCOLA.

— Ele está bem.

O Jonah está a sorrir, a olhar por cima do meu ombro para o estacionamento sem pestanejar. As pestanas dele parecem capazes de apanhar libelinhas.

— Tem a certeza de que ele vomitou?

— Senhor Jewell, foi um projétil.

— Mas ele está bem?

— Sim, mas a senhora Glen precisa de mandar a roupa para a lavanderia.

Resisto a oferecer-me para pagar.

— É a tosse que causa isto, ele não está doente. A sério, olhe para ele.

O Jonah está a saltar para cima e para baixo junto à porta, a seguir o voo maníaco de um bando de estorninhos.

— Sinto muito, senhor Jewell. Ele tem de ficar ausente da escola durante quarenta e oito horas depois de um episódio de vômito. É a política do município.

— Excelente. E o que vou eu fazer em relação ao meu trabalho?

— Sinto muito. A sua mãe não pode cuidar dele?

A Maria é nova. Só entrou na altura do Natal. Não sei como consegue lidar com isto. É pálida, ruiva e elegante — muito atraente e com um ar etéreo —, mas fisicamente não está à altura do Jonah e do seu grupo de colegas imprevisíveis.

— Sexta-feira, então?

— Sim, sexta-feira, desde que ele não volte a passar mal — responde ela.

— Então e o Cherrytree?

O grupo de brincadeiras que ele frequenta duas vezes por semana depois da escola e aos domingos, um dia feliz sem fraldas. Ela faz uma careta.

— Vou avisá-los de que o Jonah não vai.

Condenado. Sem liberdade condicional.

— Pronto, vamos, Jonah.

Pego-lhe na mão, mas ele afasta-a, portanto sigo os seus saltinhos até ao carro, dividindo os próximos dois dias em horas, minutos e segundos, e cerro os punhos dentro dos bolsos.

* * *

— Não, não posso, Ben. Vou estar no tribunal nos dois dias.

— Mas sabes que a quinta e a sexta são os meus dias mais movimentados. Não podemos ao menos ficar com um dia cada um?

A resposta é uma pausa e um suspiro pesado. Ela empurra algumas folhas de rúcula com o garfo.

— E o teu pai?

— Sabes que não nos falamos desde o *Yom Kippur*, em setembro.

— Vocês são mesmo infantis. Vê lá se metes na cabeça que....

Pronto, vai começar.

— ... se eu faltar ao tribunal, alguém fica em prisão preventiva; se tu ficares em casa, alguém pode não ter garfos de peixe. Queres que eu lhe ligue? Ele adoraria ver o Jonah.

— Não. Já terminaste? — pergunto, pegando no prato dela.

Mas ela venceu-me e sabe-o, e agora não posso enfrentá-la, portanto começo a lavar os pratos, com uma raiva tão forte como a água que jorra da torneira.

— Vou ver o Jonah. Vemo-nos na sala?

Ela regressa em poucos segundos.

— Ele está bem acordado e o quarto tresanda.

— Então, muda-o.

— Ben...

— Olha, deixa que eu trato disso, está bem?

Ele já não é um bebé, pelo menos não fisicamente. À medida que os anos foram passando, vi os filhos das outras pessoas desenvolverem-se rapidamente, temendo o inevitável dia em que — como uma avaria num semáforo — o meu filho ficaria em ponto morto enquanto eles aceleravam para longe. Mês após mês, a probabilidade de ouvir palavras foi-se tornando mais fraca. Agora que tem dez anos, estatisticamente essas palavras nunca sairão. A mente dele é como um dicionário com as páginas coladas. Beijo-lhe a testa e puxo-lhe o edredão até ao queixo. Não sei se ele dorme à noite, mas, desde que esteja calmo, é algo com que consigo viver. O problema é que ele raramente está calmo.

Antes de me juntar à Emma, bebo rapidamente a metade da garrafa de vinho que resta e volto a pôr a garrafa vazia no frigorífico.

— Ele está bem? — pergunta, enrolada no sofá. — Nós estamos bem?

— Eu diria que estamos todos na mesma, não é? Sonâmbulos?

— Suponho que fazer amor esteja fora de questão? — pergunta ela.

Eu rio-me, um riso agudo e nervoso, e arquivo a pergunta na gaveta assinalada com «retórica». Há meses que não o fazemos, e as sugestões e alusões dela deixam-me sempre com feridas por toda a parte. Não é que ela tenha perdido a atração por mim; é o resultado possível. A percepção silenciosa do seu desejo de aumentar a nossa família, a melancolia dela sempre que está perto de bebés. Isto ainda não se tornou um abismo entre nós, mas as fendas estão a começar a aparecer. Talvez se o Jonah tivesse sido o nosso segundo filho... Ela levanta-se do sofá, caminha pelo corredor e entra na casa de banho. É a quarta vez esta noite, suponho que sejam os seus cinco minutos de santuário.

— Podes trazer-me outro copo de vinho? — pergunta ela quando regressa.

— Acabou.

— Não, ainda havia pelo menos metade.

Ela olha-me nos olhos.

— O que foi?

— Tu sabes.

— Agora já não posso beber um copo de vinho depois do jantar?

— É mais o que não consegues fazer depois do copo de vinho e do brande ou do uísque. Não penses que eu não percebo porque é que estás sempre a sugerir que eu vá para a cama mais cedo. Não sou estúpida, Ben.

Não tenho jeito para ser apanhado em falso, humilhado. É algo que invoca o silêncio, pesado com a roupa suja. Ambos sabemos que é o meu método para a evitar, mas não sei se ela desconfia que o seu tra-seiro a agitar-se contra a minha virilha nas primeiras horas da manhã me parece uma tentativa de violação. O sexo já não tem nada de despreocupado, e, embora uma linha azul grossa num dispositivo de plástico

para o qual acabou de urinar possa ser o maior desejo dela, é algo que pode acabar de vez comigo. É mais fácil cair no alcoolismo do que admitir que não partilho o desejo dela. Por isso, sucumbo ocasionalmente, rezando para que o meu espermatozoário tenha o mesmo sentido de orientação e mobilidade de uma preguiça — afinal de contas, é meu.

Ela abre outra garrafa e serve um copo.

— Ben, falei com uma colega hoje.

— Ai sim?

— Ela é especialista em audiências sobre educação.

— E?

— Como as coisas estão, acha que as nossas hipóteses não são nada boas.

— E o que vale essa reflexão fabulosa?

Ela dá-me uma cotovelada nas costelas.

— Ela disse «como as coisas estão».

— E como é que estão?

— Nós os dois. Juntos. Com os recursos que temos.

— Pensei que estávamos a falar do Jonah.

— Isto tem a ver com o Jonah. Mostrei-lhe a carta; discutimos outros casos, casos bem-sucedidos. Havia pontos em comum, certas coisas que o ajudariam.

— Como por exemplo?

— A conversa desta manhã. A separação. Eles adoram pais solteiros, lembras-te?

— Foi uma piada, Emma, uma piada de mau gosto.

— Ouviste-me rir?

— Estás a falar a sério? Queres fingir que nos separamos?

— Seria pelo Jonah.

— Só por ele?

— Sim. Mas não me tentes convencer de que estás a adorar a vida neste momento.

— E tu viste-me a fazer sapateado entre os momentos em que lhe limpo o rabo?

— Não seria real, Ben, seria apenas um acordo temporário até a audiência terminar.

— Isso pode durar meses. Estás a ser absurda. Como é que vais conseguir lidar com o Jonah e trabalhar se estiveres sozinha? E para onde te mudarias durante esta farsa? Para a porta ao lado? Não achas que ia parecer um pouco suspeito?

— Concordo. Mas os pais solteiros são um dos pontos em comum que mencionei. Ben, para isto funcionar, o Jonah precisa de estar contigo.

— Espera lá. Não me lembro de concordar com a primeira parte, com a separação, e muito menos com a ideia de que eu conseguiria tratar dele sozinho. Emma, nós os dois mal conseguimos lidar com isto juntos. Honestamente, não estou interessado em nenhuma das sugestões da tua amiga.

Ela resmunga.

— Mas ajudaria ao nosso caso.

— O caso do Jonah, queres tu dizer? Os advogados e o juiz que vão viver com ele, e ele trata de os convencer numa hora.

Como que para evidenciar o que eu acabo de dizer, o Jonah vem para o pé de nós.

— Volta para a cama, Jonah — digo.

Mas o meu tom deve ter denunciado a minha irritação e ele está a saltar tanto que o chão treme. A Emma aproxima-se dele, dizendo suavemente o seu nome, mas, quando ela se aproxima, ele enfia uma mão na boca e bate com a outra na cabeça, violentamente.

— Afasta-te, Emma — digo, enquanto ele derruba um copo de vinho vazio de cima da mesa. O copo cai no tapete e ele chuta-o. Atiro os meus braços em volta dele, mas ele escapa e enterra os dentes no meu ombro com força. Tenho de lhe dar uma palmada na cabeça para o fazer soltar-me, o que o faz chorar. A Emma aproxima-se dele para o consolar e levá-lo de volta para a cama. Ela ajoelha-se no chão diante dele e acaricia-lhe o queixo com um beijo suave. O Jonah cai para a frente até as testas de ambos estarem a tocar-se. Deixo-os assim e vou à procura do creme antisséptico.

* * *

Passa meia hora até que a Emma regressa, pálida e a bocejar. Ela cai pesadamente no sofá ao meu lado.

— Estás bem? — pergunta ela.

— Sim, é só mais uma lembrança. É melhor tirares uma fotografia, suponho.

Ela vai ao nosso quarto buscar a máquina fotográfica e tira meia dúzia de fotografias do meu ombro vermelho e ferido. Mais uma para o álbum dos cortes e contusões, vidros, pratos e molduras partidos — as provas da agressividade e imprevisibilidade do Jonah, guardadas para a audiência —, o seu currículo antimatéria. Ela entrega-me um copo de vinho.

— Não vou fazer isso, Emma.

— Há outra solução — diz ela.

— O quê, uma camisa de forças?

— Uma alternativa a viveres aqui sozinho com o Jonah.

— Já te disse, Emma. Não vai acontecer.

— Ben, achas que consegues sobreviver a isto mais um ano, dois, três, dez? Eu acho que não consigo. Já para não falar do pobre Jonah. Ele precisa de mais do que podemos dar-lhe, mais do que é oferecido na escola Maureen Mitchell. Ele precisa e merece melhor do que isto. Ele precisa de um pouco de dignidade. Ele precisa de uma escola residencial, Ben. Precisa de consistência, e esta pode ser a sua única oportunidade.

Esvazio o copo.

— Ben — continua ela —, temos de fazer o que for preciso, por mais doloroso que seja a curto prazo. Temos de fazer isto pelo Jonah.

— Então, qual é essa outra solução? — pergunto, já sentindo a minha necessidade de lhe agradecer a sobrepor-se ao meu sentido de auto-preservação.

Jewell
14 Oakfield Avenue
Londres N10 4RG

23 de janeiro de 2011

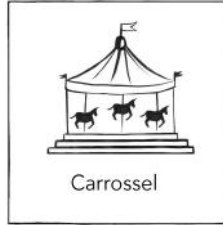
Exma. Sra. Latchford

Assunto: Jonah Jewell — alteração das circunstâncias domésticas

Infelizmente, a mãe do Jonah e eu separámo-nos e os cuidados do Jonah são agora da minha inteira responsabilidade. Decidimos que a Sra. Jewell vai permanecer na casa da família, enquanto eu o Jonah vamos viver com o meu pai idoso na morada acima indicada.

Como certamente compreenderão, esta é uma situação menos do que ideal — especialmente para o Jonah —, e ficaria grato se pudesse encontrar-me consigo o mais brevemente possível para discutir a ajuda que me possa ser disponibilizada.

Cordialmente,
Ben Jewell



— Bem. É uma honra.
O Jonah passa pelo avô e, como um míssil guiado, vai direito à cozinha.

— Vão mudar-se para cá?

— Só durante uns dois meses — respondo —, como já te disse ao telefone.

— Então... — Abre a porta e convida-me a entrar com um gesto.

— O que é que fizeste?

— Nada.

— Então deixa-la ir sem dares luta?

Ele dá meia-volta e avança pelo corredor escuro. O seu corpo rígido pode ter recuado do seu zénite de um metro e oitenta, mas mantém-se direito e há um ar de ameaça na sua postura.

— JJ? Já andas a mexer nos meus armários?

Ouve-se remexer em coisas e o som de contraplacado a bater em madeira: o Jonah está à procura de comida.

— O que é que encontraste? Ah! Então gostas de *bagels*, hã?

O Jonah passa a correr por mim, volta a entrar na sala no preciso momento em que chego à cozinha e reclama o sofá de veludo castanho como uma potência colonial invasora, com um *bagel* alojado entre os maxilares.

— JJ, não podes comê-lo sem nada. Deixa-me pôr-lhe um bocado de salmão...

— Ele não come salmão.

— Ele disse-te isso?

O mesmo carrossel de sempre.

— Já tentei, mas ele cospe-o.

— Este salmão? É de uma loja especializada ou do supermercado?

— Nenhum dos dois, é do Alasca.

— Sempre tão inteligente. Vou fazer-lhe um *bagel* de salmão.

O sotaque dele já não é carregado, mas a voz sobe ligeiramente no final das perguntas, num tom que sempre me pareceu desdenhoso. Está na altura de bater em retirada.

— Não posso ficar, ainda tenho um monte de coisas para arrumar e trazer do apartamento. Podes cuidar do Jonah, só por um bocado?

Ele encolhe os ombros.

— Quando é que voltas?

Consulto o relógio.

— Pelas duas?

— Já é meio-dia. Volta pelas quatro. Vamos passear, talvez ver o Maurice.

— Tens a certeza?

Ele ergue as mãos ao nível do peito, com as palmas viradas para cima.

— O que é que pode acontecer?

Preparo-me para fazer uma lista dos resultados plausíveis, mas ele já se foi. Ouço-o a trautear uma música na cozinha. Está a gostar disto. Estou a chorar por dentro e desesperado por uma bebida, e o meu pai está no seu elemento. Consulto o relógio: cada minuto que passa a fazer o *bagel* rouba-me um pouco de solidão muito necessária. Finalmente, o *bagel* de salmão perfeito está pronto e a ser entregue na sala. O Jonah vai a meio do primeiro e atira-o descontraidamente para trás do sofá quando o segundo chega. Assisto da segurança do corredor enquanto a língua dele entra em contacto com o salmão fumado. E agora está a comer. Sacaninha.

— Florsheim's Deli, Temple Fortune. Aí tens mais uma coisa para o teu menu, não é, JJ?

O Jonah não pestaneja quando o avô lhe belisca a bochecha. Juro que ele está a olhar para mim, mas sei que não pode ser verdade.

— A mochila dele está ao pé da porta — digo. — Pai?

— Às quatro. Antes disso, não, que não vamos estar cá.

Três horas e vinte e dois minutos em casa. Vou fazer as malas dentro de uma hora, mas primeiro tenho de me sentar. Quero uma bebida, algo para comer, mas vem-me à mente um pensamento desarmante: talvez possa passar aqui a noite? Podia ser um encontro amoroso — podíamos ter sexo como deve ser e dormir toda a noite sem a ameaça de sermos interrompidos. Mas não, a Emma vai ficar preocupada com o Jonah, vai ficar preocupada com o meu pai. Ainda assim, a ideia de um encontro secreto parece ativar a minha libido.

Ligo a televisão e o sofá devora-me. Estou em pânico com a ideia de não a ver durante semanas, de ser ignorado e — apesar de todas as provas em contrário — da eficiência com que esta situação foi projetada. Tenho vontade de chorar. Em vez disso, bebo e caio para o lado. No meu estupor, ouço galinhas, vacas, o assobio de um pastor. Um pouco de Wordsworth dá lugar aos cânticos de uma claque de futebol, o tom progressivo da celebração, um tiro, o som das teclas de uma máquina de escrever, mais tiros, o grito crescente e doce de uma criança soprano.

O meu braço direito está dormente por baixo do meu queixo e brilha com a saliva iluminada pelos raios catódicos da televisão. As paredes revestem-se de um tom verde, depois vermelho, depois azul e novamente de verde. O som é abafado pela escuridão. Escuridão. Começo a fazer ligações soltas, mas são transitórias, quase impercetíveis — como a presença do Jonah. Escuridão. Babar-me. Membros dormentes. A luz do dia. Ausência de luz do dia. Merda.

Levanto-me de um salto, convidando à vertigem. Caio de joelhos e procuro o relógio no chão. Aponto o mostrador à luz do ecrã da televisão. Seis e um quarto da tarde. Merda, merda, merda. Devo telefonar?

Tropeço como um bêbedo até à porta da casa. Volto para a cozinha para beber o vinho da noite passada. Acendo um cigarro. Volto a beber. Um gole. Esvazio a garrafa. Baralho e volto a distribuir os meus pensamentos para a esquerda, para a direita. Reorganizo-os. Volto a baralhar. Espalho o baralho. Os pensamentos demoníacos são solúveis em álcool. A vodca adicional limpa o resto. Tiro as chaves do carro de cima da mesa.

A porta de entrada está aberta. Ele achará que está na década de 1950? A única lâmpada nua cria círculos de luz na minha visão e entro na casa às apalpadelas. A reprodução dos *Girassóis* de Van Gogh balança como um pêndulo quando lhe toco e uma onda de pó ergue-se como uma tempestade de areia no Sara. A mesa de ferro forjado e vidro com o telefone come um bocado da minha canela enquanto pestanejo para tentar eliminar as manchas brancas que flutuam na minha córnea. Quem mais, além do meu pai, envolveria uma casa geminada eduardiana em tons de castanho e laranja? O último vestígio que resta do minimalismo dos anos setenta em Muswell Hill.

— Pai? Jonah?

A luz da cozinha está apagada. A sala está iluminada por um brilho de halogéneo do candeeiro de rua *voyeur*. Do rádio de baquelite, os sons cortados da Radio 4 acariciam os antigos móveis de carvalho. A cómoda e mobília de sala de jantar, feias e obesas, escuras como ébano — com a sua superfície coberta de verniz escuro protegida dos riscos por nape-rons de crochê — dominam tão completamente o espaço que, na escuridão, parecem uma antiga gárgula, um Golem esculpido por um místico enrugado de uma pequena cidade, apostado na vingança e no vigilan-tismo. Acendo a luz e desligo o rádio.

— Olá?

— Aqui em cima.

— Onde?

— Aqui. Na casa de banho.

Ele está sentado numa cadeira de jardim feita de plástico ao lado da banheira, a esfregar a cabeça do Jonah com uma raspa de sabonete verde.

— Quando é que lhe nasceram pelos ali em baixo?

— Não precisavas de lhe dar banho.

— Tivemos um acidente.

— Ele não estava de fralda? Deixei-te o saco.

— Estávamos no jardim, portanto achei que ele não precisava de estar sempre a sofrer esse desconforto.

— E suponho que borrar as calças é confortável?

— Ele estava só molhado. Lavei as calças e pu-las a secar no aquecedor. Já devem estar quase secas, já passaram três horas.

— Olha, desculpa ter-me atrasado tanto...

— Eu disse alguma coisa?

— Não propriamente.

— Não propriamente...

O Jonah começa a rir e enche a boca com espuma.

— Tens gel de banho?

— Detergente para a loiça.

— Meu Deus, pai. Ele não pode comer isso.

Faço um gesto brusco para tirar a espuma da boca do Jonah.

— Está cheio de detergente e de outras merdas, ele vai ficar doente.

O Jonah reage deslizando para a frente e para trás — o riso para. Ondas de água suja saltam para fora da banheira e procuram os espaços entre o linóleo e o rodapé. Pouso-lhe a mão no ombro, mas ele esquiva-se e morde a própria mão com força. Sinto um formigueiro no couro cabeludo. Cantar acalma-o — cantar e dançar.

— Bu-da-bu-da-bum, bu-da-bu-da-bum, bu-di-bu-di-bu.

O meu pai tem as mãos levantadas acima da cabeça, a atarraxar duas lâmpadas imaginárias. O Jonah ainda está a salpicar tudo, mas o seu rosto relaxou, revertendo para uma expressão angelical. Ele faz sons rítmicos e guturais ao ritmo dos salpicos e os seus olhos, que brilham, parecem estar fixos nos do meu pai.

— Vou fazer um café — digo, saindo.

A chaleira antiga dança no bico do fogão enquanto a água se transforma em vapor e sobe para a abertura estreita que a faz assobiar. O café,

quando finalmente o localizo num recipiente de barro não identificado, tem um aspeto arqueológico e um sabor que parece que acompanhou o meu pai desde Budapeste. Ouço-os a descer as escadas, o meu pai a falar com o Jonah e a responder por ele. Estou na cozinha a tomar o meu café e a ouvir o Jonah a rir. Sinto-me inundado de ciúmes, não em relação ao meu pai, mas do Jonah. Entro na sala como um intruso.

São parecidos? É difícil dizer, com o cabelo de *heavy metal* do Jonah. Nós somos parecidos? Estudo-os, sentados juntos no sofá, a examinar a luz refletida pelo pisa-papéis de cristal do meu pai.

— JJ, vamos olhar para isto com atenção. Ora, o que acontece é o seguinte: a luz que pensamos que é branca é na verdade composta por muitas cores diferentes. Quantas? Bem, não sei ao certo, mas, se olharmos com muita atenção, conseguimos vê-las a emanar do cristal. Olha.

O meu pai segura o cristal em frente ao rosto do Jonah e vira-o ligeiramente para um lado e para o outro. Em certos ângulos, um arco-íris forma-se no rosto dele. Ele aproxima o polegar e o indicador do cristal muito, muito lentamente, como se estivesse a puxar um fio pelo buraco de uma agulha, e tira-o cuidadosamente da mão do meu pai. Não pestaneja. Não só neste momento — enquanto examina o milagre da divisão de comprimentos de onda —, mas nunca. Acho que nunca o vi pestanejar. Mesmo quando tento provocá-lo — batendo as palmas perto do rosto dele ou estalando os dedos —, ele mantém o olhar fixo em frente. Será que não tem reflexos, ou simplesmente não tem medo? Conforta-me imaginar que é a segunda opção.

— Já te falei deste cristal mágico, JJ? Não? Bem, está na nossa família há mais de cem anos. É feito de vidro da Boémia, um vidro muito famoso e bonito.

Pouso cuidadosamente a minha caneca de café num naperon. Nunca tinha ouvido a história do pisa-papéis, simplesmente supus — como acontecia com o resto da tralha nesta casa húmida — que tinha sido comprado por capricho e por demasiado dinheiro numa qualquer loja de «antiguidades» da zona leste de Londres.

— Pai, já passou a hora de ele ir dormir.

— Ele está feliz, deixa-o lá.

— Queres lidar com as consequências?

Ele dormir demasiado, a fralda demasiado cheia e as paredes manchadas de caca.

— Ele não parece cansado, Benjamin. De qualquer forma, vocês não são meus hóspedes, são a minha família, portanto eu vou deitá-lo.

— Ele precisa de tomar a medicação...

— Então talvez devesse ter chegado às quatro como te pedi, em vez de passares a tarde no *pub*. Ele quer ouvir o resto da história.

— Ele não quer saber da história, pai. Só quer mexer no cristal.

— E como é que sabes isso

— Como é que *tu* sabes?

Estou sentado na sala a mudar de canal, a tentar mudar um canal por segundo. Consulto o telemóvel pela enésima vez e depois ataco o uísque velho, furtivamente, voltando a pô-lo no armário, em silêncio, com o rótulo voltado para fora. Os velhos hábitos são difíceis de perder. Deambulo pela sala. Nada de meu invadiu este espaço — exceto as velhas manchas na alcatifa e as queimaduras de cigarros. Para ser franco, praticamente não tem adornos. Com a exceção da última fotografia de escola do Jonah em cima da televisão e do pisa-papéis de cristal a fazer-lhe companhia, é um espaço despido. Se fôssemos católicos, acolheria perfeitamente um caixão aberto, embora o velório tivesse de ser feito noutra lugar. O meu pai leu milhares de livros, mas recusa-se a manter um único volume; a sua música vem do rádio, a sua comida de recipientes. Tudo parece preparado para ele sair a correr, mas há anos que não vai a lado nenhum.

Eu costumava acreditar que esta austeridade era uma ressaca da culpa do socialismo galopante da sua juventude, mas o esquema de cores é mais ao estilo do tirano fascista do que de Trotsky. Se olharmos pelo buraco da fechadura aqui, a única coisa que é provável que descubramos é a dor de ser picado num olho com um lápis. Enquanto estava perdido nas minhas divagações, não vi o meu pai parado à entrada.

— Ele está a dormir. Agora, diz-me: comeste? Não comeste, pois não?

— Estou bem, arranja alguma coisa só para ti.

— Não tens fome? O quê, comeste um daqueles *doner kebobs*?

— *Kebabs*.

— Ora. É tudo uma merda. Vais comer um pouco de peixe.

— Não quero comer peixe.

— Vais comê-lo.

Estou demasiado cansado para discutir e agradecido pela comida, para ser honesto. Ele anda pela cozinha como uma abelha à procura de néctar, abrindo embrulhos de papel de alumínio aqui, caixas de plástico ali, até que chega um prato lascado com o jantar — uma representação à escala de uma exposição de jardinagem.

— É do Florsheim. Come — ordena ele, apontando com o garfo na minha direção, fazendo desaparecer dois cubos de beterraba para dentro do seu queixo com barba grisalha.

Comemos em silêncio. Sempre comemos em silêncio: as refeições não podiam ter sido mais diferentes dos jantares de uma família tradicional judaica. Sinto-me surpreendentemente intrigado com isso.

— Pai, porque é que nunca falámos durante as refeições?

— Chiu. Estou a comer.

Lavamos a loiça à maneira dele, numa pia cheia de água que vai ficando progressivamente mais suja. Cabe-me o papel de a secar com um pano que em tempos foi branco e de empilhar os pratos em armários forrados com papel de parede.

— Como está o Maurice? — pergunto.

— O Maurice é o Maurice. Não muda.

Não vejo o Maurice há uns dois anos. Aparentemente, foi a primeira pessoa que o meu pai conheceu quando veio sozinho da Hungria. Parando na Holanda, de onde o Maurice era nativo, para se recuperarem, ficaram lá dez anos antes de virem para Londres. Agora as pálpebras do meu pai erguem-se como cortinas de teatro e as memórias vêm à tona. Já ouvi todas as histórias, como o Maurice fazia recados para as

prostitutas de Amesterdão antes de chegarem a Inglaterra, como ele ajudou o Maurice a iniciar o seu negócio de venda de roupa.

— Sabes, pelo menos eu tinha sapatos quando partimos. O Maurice? A única coisa que ele tinha era um par de tulipas vermelhas e uma carga de gonorreia. Ofereceu as tulipas à tua tia Lilly, a rapariga com quem viria a casar.

— E a gonorreia? A quem é que a deu? Além da tia Lilly?

O meu pai é a única pessoa que conheço que sorri com os lábios virados para baixo — pareceria mais humano de pernas para o ar.

— Bom, isso terias de perguntar ao Maurice. Chá?

— Trouxe café decente.

— Vais ter de o fazer tu, para me poderes fazer um chá ao mesmo tempo. Espero na sala.

A luz está apagada, mas a sala é iluminada pelos ângulos de câmara mutáveis da edição especial do *Newsnight*.

— Podes aumentar o som, se quiseres. Não me importo — digo.

— Não, é a voz dele, o sarcasmo, ele. — Ele aponta. — O Paxman. Faz-me lembrar a tua mãe, mantém-me acordado durante metade da noite.

— És louco.

— Sou? — responde ele. — Estás aqui sentado aos trinta e sete anos a ver o Paxman com o teu pai em silêncio. Queres que eu aumente o som ou queres ir dormir?

— Estás à vontade, não te acanhes.

Ele encolhe os ombros.

— De qualquer forma, estamos só separados — acrescento.

— Separados? Sim, como água e azeite.

Sinto a mentira a agitar o jantar no meu estômago. Quantas vezes terei de lhe mentir? A todos os que confiam em mim? Se admitirmos a mentira, somos criticados ou gozados. Já me sinto demasiado deslocado para suportar o escrutínio.

— É mais como as duas Alemanhas. Estávamos destinados a estar juntos e voltaremos a estar em breve.

— Acredita em mim, as duas Alemanhas também tinham feito melhor se se tivessem divorciado. E, de qualquer maneira, usando essa analogia, tu serias sem dúvida o Leste e ela o Oeste.

— Achas que é permanente, não achas? Desde quando é que és especialista em casamentos? Há quantos anos é que a mãe te deixou? Vinte e cinco?

Ele não morde o isco.

— Só estou a dizer que és muito idealista. As coisas acontecem, Ben, as coisas mudam. As pessoas mudam. É melhor estares preparado.

— O que é que estás a dizer, pai?

Ele não responde. O Jonah está à porta, com três fatias de pão nas mãos e um sorriso suplicante no rosto. O meu pai faz-lhe sinal para entrar.

— Anda, JJ, senta-te aqui comigo e vê a tua avó na televisão.

O Jonah salta para o sofá e senta-se, incapaz de acreditar na sua sorte, e o meu pai puxa-o para junto da sua cintura.

— Vai dormir, Ben, pareces cansado. Deixa-o comigo, nós ficamos aqui bem.

— De certeza?

— Vai, antes que eu mude de ideias.

Embora o som continue baixo, não consigo dormir. Não é fácil, dormir no nosso quarto de infância pela primeira vez em quase vinte anos; examinar os autocolantes parcialmente removidos à luz de um candeeiro de rua através de cortinas que nunca fecham completamente nem chegam ao peitoril. O colchão parece-me fino e a cama estreita, os lençóis parecem prender-me, esticados como estão, ao estilo militar. Mas, o que é mais importante, estou sozinho nesta cama de solteiro, e isso magoa-me quase fisicamente.

Gosto de ser marido, estava desesperado para ser pai. Vivi uma vida de conto de fadas na minha cabeça mesmo antes de conhecer a Emma, e o conto de fadas tornou-se real durante dois anos. Depois o Jonah nasceu e tudo se tornou nuvens fofas e noites sem sono. Mas, quando ele chegou aos três anos, o conto de fadas revelou-se um

impostor — o capuchinho vermelho caiu para revelar o Lobo Mau do autismo.

Aqui deitado, nesta noite de domingo, sinto-me à deriva. Esta situação tem uma certa insanidade; mesmo sendo uma farsa, o medo é tri-dimensional. Perdi a bússola na pressa da mudança, sinto a cabeça a andar à roda, portanto sinto-me na beira da cama e fico a olhar para a gravura de Lowry, a contar cães de traço simples. Na gaveta da mesa de cabeceira, descubro um velho rádio *Bush*, ainda sintonizado na Capital Radio, como o deixei décadas antes. Ligo-o na ficha e carrego no botão, espera de ouvir músicas das décadas de setenta e oitenta, para afastar um pouco a melancolia nesta noite de estranheza — mas só ouço *hip hop*. Demoro vinte minutos a sintonizar decentemente a Radio 4 e três segundos a ligar para o número da minha casa.

— Isto é horrível — digo-lhe. — O que é que estás a fazer agora?

— Acabo de entrar, encomendei comida indiana. — Ela parece sonolenta, com a voz um pouco arrastada.

— É um bocado tarde, não é?

— Ainda só são dez, Ben. Como está o Jonah?

— A comer salmão fumado.

Ouço o som da campainha.

— Tenho de ir, o meu caril chegou.

— Falamos amanhã?

— Ben, eu não consigo falar disto todas as noites. Olha, eu ligo-te. De qualquer maneira, vão-me mandar para Hong Kong dentro de alguns dias. Há a possibilidade de ter de lá ficar um mês.

— Um mês! Quando é que estavas a pensar contar-me?

— Ouve, eles só me disseram hoje. — Ouço-a a suspirar. — Ben, vais ter de lidar com isto, está bem? Tens de tratar tu das visitas à escola, de lidar com a segurança social, de falar com o advogado. Está tudo na pasta: tens de ler tudo.

— Sabes que não suporto ler sobre o Jonah.

— Não podes abster-te disto, Ben. Isto não é pacífico e tu não podes ficar na ignorância. Não podes ser pai dele apenas para a diversão.

Aquelas palavras magoam-me.

— Está bem, está bem. Onde é que encontro essa pasta?

— Pu-la na mala do teu carro. Tens o teu pai e podemos discutir o assunto por e-mail. Não é assim tão mau. Dá um abraço meu ao Jonah.

E desligou.

Sinto-me abandonado, confuso, desorientado. Um mês? Ela ausenta-se regularmente em trabalho, mas agora? É uma péssima altura. Eu podia chegar a nossa casa em dez minutos, mas em vez disso desço as escadas em silêncio e trago a velha garrafa de uísque para a cama comigo, para me fazer companhia. Ao fim de alguns minutos ouço os passos do meu pai e do meu filho. Estão no topo das escadas e o meu pai ainda está a falar, a dizer as suas palermices à única pessoa que lhe dá ouvidos. Pobre Jonah.

— JJ, divertiste-te hoje? Foram simpáticos para ti no grupo de brincadeiras? Há algumas coisas que preciso de te dizer, mas tens de prometer que não repetes nada do que te digo. Vai ser um segredo nosso, só nosso. Vamos, dá-me a tua mão, vamos selar o pacto com um aperto de mão. Lindo menino. Por onde hei de começar? Acho que os teus conhecimentos de geografia não são lá muito bons, portanto deixa-me falar-te um pouco da nossa família.

» O meu avô, que era o teu trisavô, JJ, era um homem importante. Era um homem educado, um homem sábio, mas um homem de poucas palavras. Um pouco como tu, meu pequeno JJ, sim. Ele morava numa aldeia, na Hungria, não muito longe da cidade de Balaton, junto à margem de um belo lago. Toda a nossa família viveu lá em paz, durante muitas gerações. Bem, o Josip era um homem de princípios, um pouco como o teu pai, e como comerciante tinha muitos negócios com o conde local, Szelezny, um homem decente, ainda que odiasse um pouco os judeus.

» Eu nasci em Budapeste, um lugar que é na verdade duas cidades: Buda e Peste, divididas pelo rio Danúbio, mas unidas por uma grande ponte. Bem, JJ, os Friedmans, que era o nosso nome na altura, não eram infelizes lá. Éramos uma boa família, uma grande família. O teu bisavô e meu pai, Louis, era médico. Tinha muitos pacientes e vivíamos bem.

Friedman? O nosso nome mudou? Num acesso de raiva, salto do meu quarto para o do Jonah. Só a imagem do Jonah me impede de atacar o meu pai.

— Precisas de alguma coisa? — pergunta o meu pai, olhando-me de cima a baixo. Depois continua, como se eu não estivesse ali.

— O teu pai nasceu aqui, é inglês, mas foi o primeiro da nossa família a nascer aqui. Tu foste o segundo. Não sei se sabes isto, mas somos judeus. Não é uma coisa fácil de se ser, mas é uma coisa boa.

Afasto-me, tentando imaginar uma forma de o confrontar sem o matar. Serei eu uma mera experiência psicológica — vão retirar-me todos os estímulos e ver até que ponto conseguem enlouquecer-me? Porque é que ele nunca me contou isto? Claro que lhe perguntei sobre a nossa família muitas vezes, mas ele simplesmente afastava as minhas perguntas com um gesto da mão esquerda e três palavras: «gaseada pelos nazis». Era como se tivesse prazer em deixar-me à deriva como um bote desancorado.

Quando eu tinha trinta anos, passei meses a pesquisar em sites de genealogia, bases de dados do Holocausto e relatos históricos, mas não encontrei nada. Agora entendo porquê, porque tinha o nome errado. Tanto quanto sabia até esta noite, Georg Jewell tinha aparecido do nada, ou tinha sido formado com barro como um Golem, e, por extensão, eu também.

Não consigo perguntar outra vez, só para o ouvir a esquivar-se às minhas perguntas. Apetece-me arrancar-lhe as respostas com pentotal de sódio e uma tesoura de poda. Enterro o rosto na almofada. Ele que conte as suas parábolas ao Jonah, que eu vou beber o seu uísque até desmaiar.

— Que dia é hoje? — pergunto.

— Segunda-feira, toma.

Ele passa-me uma chávena de café. Tem leite e é horrível. Só adormeci às quatro e acordei em pânico, mas o Jonah está milagrosamente pronto, a não ser pela camisola que está vestida ao contrário.

— Obrigado, pai.

O telefone toca e o meu pai corre para o atender, virando-me as costas. Ouço uma conversa abafada e ele regressa com um papel escrito.

— A escola do Jonah quer ver-te ao meio-dia.

— Esqueci-me — resmungo. — A reunião sobre a transição. Eram eles ao telefone?

— Não. Queres mandá-lo embora?

— Era a Emma? Porque é que não me passaste o telefone?

— Era só um recado. Então, queres mandá-lo embora para a escola?

— Falamos disso mais tarde. Preciso de um duche.

— Responde-me, Ben.

— Mais tarde, pai.

Enquanto subo as escadas, ele grita:

— A Emma não vai lá estar, portanto eu vou contigo.

Espreito por cima do corrimão.

— Não.

— Sim.

— Não, pai, eu discuto isto contigo mais tarde.

— Este carro é uma desgraça.

— É um carro de trabalho.

— Para que é que precisas de um carro de trabalho?

Ele agita os pés, fazendo voar envelopes e maços de cigarros vazios.

— Para com isso, por favor.

Ele tira o cinto de segurança e curva-se para apanhar uma folha de papel. Olho para o lado. É um extrato bancário.

— Se não largares isso agora mesmo, paro o carro e bem podes ir a pé para casa.

Ele larga o extrato com um gesto floreado e o papel cai no chão.

— Põe o raio do cinto de segurança e não digas nada quando lá chegarmos.

Ele faz um gesto que imita um fecho a correr sobre os lábios.

* * *

Estou desesperado para ver o Jonah nas aulas, para ver os especialistas a fazerem os seus aparentes milagres, mas se ele me vir vai distrair-se e é melhor esperarmos os dois na sala de receção às famílias para falar com a Sra. Porter, a diretora. Ficamos sentados, em silêncio, com as nossas bebidas mornas pousadas nos joelhos e as supostas provas do progresso do Jonah à nossa frente, nos relatórios de avaliação mais recentes.

A Sra. Porter entra de rompante, seguida pela professora da turma do Jonah, Maria, e uma secretária corpulenta e loura.

— Descuuulpe, Ben.

Sorriso-lhe e cumprimento a Maria com um aceno. Sentam-se as três à nossa frente.

— Então, como acha que o Jonah está a sair-se? — pergunta a Sra. Porter.

— É o que viemos cá saber, portanto diga-nos você.

Olho para o meu pai, lançando-lhe olhares furiosos de indignação.

Ele encolhe os ombros.

A Sra. Porter pergunta:

— Desculpe, mas quem é o senhor?

— Georg. Sou o avô do Jonah.

— Bem, como sabe, estamos aqui para discutir a transição do Jonah para a escola secundária no final deste ano escolar.

— Qual escola secundária? — insiste ele.

A Sra. Porter olha para mim e eu aceno com a cabeça.

— Bem, a oferta da zona está sempre a crescer, com várias escolas gerais que já têm unidades integrais ou que vão abri-las em setembro. No entanto, tendo em conta as limitações óbvias do Jonah, penso que todos concordaremos, conforme foi declarado na carta do município, que a escola Maureen Mitchell é a opção preferível para o Jonah.

O meu pai diz:

— Então ele vai para a Maureen Mitchell.

Todos olhamos para ele.

— É isso — acrescenta ele.

— Não vai, não — intervenho.

— Ben — diz a Sra. Porter —, a Maureen Mitchell foi completamente reestruturada nos últimos três anos e é agora a escola especializada em ensino secundário para autistas do município. Temos vindo a trabalhar em estreita proximidade com eles e vão usar métodos idênticos aos nossos, portanto, na prática são uma extensão da nossa escola.

O meu pai está a sorrir, com as mãos cruzadas sobre a barriga num gesto satisfeito.

— Sra. Porter, diria que a Maureen Mitchell é tão boa como a Roysten Glen? — pergunto.

A Sra. Porter hesita.

— Bem, claro que ainda precisam de algum tempo para se aperfeiçoarem. A Roysten Glen já funciona há dezoito anos, mas, com a nossa ajuda, a Maureen Mitchell vai evitar todos os erros que tivemos de cometer.

— Então, se entendi bem, está a dizer que atualmente a Maureen Mitchell não é tão boa como esta escola e vai demorar algum tempo até alcançar este nível, certo?

— Inevitavelmente, suponho que é verdade, sim.

— E isso pode demorar alguns anos?

— Para ser realista, suponho que sim. Mas não se preocupe, porque vamos dar-lhes consultoria regular.

— Oh, muito bem, muito bem, *consultoria*. E acha que o Jonah pode esperar dois anos para esta nova «escola» se estabelecer?

— Bem, eu...

— Deixe-me pôr as coisas noutros termos. Há quanto tempo é que o Jonah está aqui?

— Seis anos.

— E quando ele chegou usava fraldas e agora que vai sair continua de fraldas. Portanto, ao fim de seis anos da melhor educação especializada que o município pode oferecer, o meu lindo filho ainda não consegue usar uma casa de banho. Então diga-me, Jenny: o que é que esta

nova escola de segunda categoria vai fazer pelo meu filho quando em seis anos vocês não conseguiram ensiná-lo a usar a casa de banho?

A Sra. Porter parece indignada, ao passo que a Maria parece destracada e eu sinto-me envergonhado por causa disso. Gosto da Maria; ela preocupa-se com o Jonah.

— Mas sabe o quanto estas crianças são diferentes...

— Não me interessa, Sra. Porter. Estamos a falar do *meu* filho.

Estudo o relatório de avaliação anual do Jonah, com a folha a tremer.

— Literacia, Numeracia, Ciências, Educação Religiosa, Geografia, História — leio em voz alta: — «Neste período, o Jonah gostou muito de aprender sobre os vitorianos.» Notável — digo, dirigindo-me à Maria. — Ainda na outra noite o meu pai me disse que teve uma conversa muito esclarecedora com o Jonah acerca das desigualdades do sistema de *workhouses*. O Jonah disse que era bem-feito por serem pobres.

— Não disse nada — intervém ele.

— Cala-te!

A Sra. Porter consegue expressar mágoa e compreensão com o mesmo sorriso e inclinar da cabeça.

— Lamento, Sra. Porter, Maria. Ele sente-se feliz aqui, mas não fez nenhum progresso e esta é a sua última hipótese de ter um pouco de dignidade pessoal. Quero que ele vá para a Highgrove Manor. É uma escola residencial. Vejam o *site* e vão entender porquê. Adoro a forma como cuidaram do meu filho, mas espero que entendam que se ele fosse «normal» e não conseguisse ler uma palavra no final da escola primária estaria toda a gente aos gritos.

— Ben, todos nós admiramos a sua dedicação ao futuro do Jonah, especialmente tendo em conta a recente mudança nas suas circunstâncias familiares, mas acreditamos realmente, nós e os serviços sociais, que seria prejudicial afastar o Jonah da comunidade...

O meu pai assente em sinal de aprovação.

— Uma comunidade de uma só pessoa... — digo.

— Uma comunidade onde ele cresceu. E a Maureen Mitchell será uma excelente escola, garanto-lhe. Já a visitou?

Admito com má vontade que não.

— Maria, pode dar uma brochura ao Ben?

A Maria desaparece durante um ou dois minutos, enquanto o meu pai e eu jogamos o «pingue-pongue dos olhares ameaçadores». Ela regressa com uma pasta na mão e junta-se a mim e ao meu pai enquanto nos dirigimos para a porta principal e para o parque de estacionamento.

— Sr. Jewell?

Ambos olhamos.

— Ben, posso falar consigo por um instante?

Dou a chave do carro ao meu pai e ele afasta-se, furioso. A Maria e eu sentamo-nos num banco junto a um pequeno relvado oval com arbustos.

— Vou sentir muito a falta do Jonah — diz ela, olhando para os sapatos. — É tão, tão encantador.

— Disso não há dúvida — comento.

— Pergunto-me muitas vezes como seriam as minhas crianças se não tivessem autismo, porque as personalidades delas sobressaem ainda assim, apesar de todos os tiques, obsessões e dificuldades. Não acha?

— Sim, mas sempre me perguntei se as outras pessoas achavam o mesmo ou se conseguiam ver isso.

— Só temos de nos esforçar um pouco mais. Quero dizer, o Jonah...

Ela para, inspira e olha para mim como se me pedisse autorização para continuar.

— Continue — digo.

A voz dela ganha um tom agudo e os seus olhos sorriem.

— Bem, imagino o Jonah a caminhar tranquilamente pelo *campus* de uma universidade, com o cabelo despenteado pelo vento, uma rapariguinha bonita, pequena e de cabelos compridos a falar animadamente enquanto caminha ao lado dele. Está a estudar Filosofia, ou Inglês, costuma atrasar-se para as aulas de manhã e tem o dom de fazer as pessoas rir. Parece-lhe bem?

Viro-me para o outro lado, para não a deixar ver a tristeza no meu olhar. A Maria acaba de traçar o retrato perfeito de mim quando tinha vinte anos. Ela vê-me no Jonah. Nunca me tinha ocorrido que tal herança

se pudesse ter manifestado, como se o autismo quebrassem as cadeias de ADN da mesma forma que despedaça corações. A perspectiva da Maria, o carinho que sente pelo Jonah, abriu-me os olhos. Ele não é apenas o meu filho autista, é o meu *filho*.

— Ben, perturbei-o?

Tem a mão pousada no meu ombro.

— Não, de forma alguma — respondo, tocando na mão dela. — Sinto-me apenas um pouco melancólico, mais nada.

Ficamos sentados, entregues aos nossos pensamentos, durante um minuto ou dois. Não consigo apagar da minha mente a imagem do Jonah estudante.

— Ouça, Ben. Eu acho sinceramente que o Jonah merece e necessita de tudo o que está a tentar conquistar para ele. Gostaria muito de ajudar, se puder.

— Maria, é muito animador ouvir isso, mas vai deixá-la numa posição difícil, não vai?

Ela assente.

— O meu número de telefone e e-mail estão escritos num papel dentro da brochura da escola. — Ela estende-ma. — A sério, se precisar de alguma coisa, de ajuda com o Jonah, do que for... — Ela morde o lábio. — Sei que as coisas estão difíceis para si e para o Jonah neste momento, portanto não hesite, está bem?

— Obrigado — sussurro.

Dirijo-me para o carro, agarrando a pasta brilhante como se fosse uma multa de estacionamento. O meu pai murmura em voz baixa quando entro. Os vidros do carro embaciam assim que fecho a porta.

— Bravo — diz ele.

— Podes-me fazer o favor de te calares? Para sempre?

Os dez minutos seguintes, no trânsito, são passados em silêncio, mas sinto a vontade que ele tem de falar. Finalmente, não resiste mais.

— Quem é que desenvolveu este plano?

— Do que é que estás a falar?

— Esta história de o mandarem embora.

Tento arrancar os meus próprios cabelos. Depois acendo um cigarro.

— Estás a tentar dar-me cancro? Apaga isso e responde à minha pergunta, Benjamin.

— Não.

— Eu tenho o direito de saber. Sou avô dele.

— Por onde hei de começar?

— Podes começar por explicar porque é que não te vi desde o *Yom Kippur* e de repente não te importas que eu seja o teu senhorio.

Volto a desligar o motor.

— Meu Deus, és mesmo obtuso!

— Obtuso, vindo de ti? — pergunta ele, de dedo espetado. — Eu fiz algo da minha vida, e sem todas as vantagens que te dei...

— Sim, passaste a vida a lavar a merda da loiça dos outros. Fantástico. Este comentário destruiu a raiva e substituíu-a por vergonha.

— Desculpa, era escusado.

O rosto dele suavizou-se.

— Talvez, mas não é mentira. Não é o que fazemos, Ben, é o motivo por que o fazemos. És infeliz a dirigir o negócio?

— Reparaste?

— Não preciso do teu sarcasmo quando estou a tentar falar contigo como um adulto — responde ele.

— Pai, eu *sou* um adulto.

E é neste ponto que tudo se quebra sempre. Digo a palavra, mas acreditarei nela? Serei um adulto? Quero ser um adulto? Sinto-me como uma criança desesperada para se juntar à festa do irmão mais velho. Como o rapaz de 14 anos que foi proibido de entrar no cinema para ver o filme para maiores de 18 quando todos os outros miúdos conseguiram entrar. Olho em volta para os meus amigos, para a Emma, e sinto-me confuso. Como é que eles sabem o que fazer? Como agir?

— Pai, porque é que sinto sempre que tenho de te pedir autorização para fazer o que quer que seja? Até sinto que é o teu dinheiro que tenho no bolso, ou o dinheiro da Emma.

— Benjamin, não parei de ir ao armazém quando me pediste para parar?

— Só depois do Natal. E antes disso, havia as tuas visitas semanais, pai, sempre a espreitar por cima do meu ombro, a dizer ao Valentine o que fazer, a julgar, a verificar as entregas.

— Mas digo-te alguma coisa?

— Não precisas de dizer nada.

— E gostas mais quando eu não estou lá?

— Detesto-o menos.

— Ben, o negócio não é meu filho, o meu filho és tu. Mas, se eu te desse permissão para parares de ser uma vítima, tu paravas?

Cabrão.

— Agora és meu psicólogo?

— E não te cobro. Mas o Jonah não tem culpa de nada disto. Porque é que nos privas de nos vermos? Para nos castigar? Porquê?

Olho para os pedais e abano a cabeça.

— O *Yom Kippur*, pai.

— Sim, eu lembro-me, e depois?

— Ligaste o telemóvel da empresa.

— Que utilidade tem se estiver desligado?

— Atendeste-o, prometeste em meu nome, fizeste-me deixar a minha família às quatro da tarde do *Yom Kippur*, para entregar dez pratos em Knightsbridge. Porque é que o meu tempo vale tão pouco? Esse maldito telemóvel é como um instrumento de tortura. Porque é que me despachas sempre como se fosse teu criado?

— E o que querias que fizesse? Que ligasse ao Valentine e arruinasse o dia *dele*? E é por isso que me castigas? Então, volto a perguntar, que história é esta de mandarem o Jonah para longe?

Onde raio vou encontrar tranquilidade? Sento-me na sanita tapada, a fumar e a beber de uma garrafa pequena de vodca, enquanto tento ler *O Coração das Trevas*, mas é um pouco leve para os meus gostos atuais. Ouço através das paredes o som do braço rotativo da máquina de lavar

industrial e ouço os sons quase metálicos do Valentine a pôr e a tirar pratos. O som doce e enjoativo de caril com dois dias perdura no ar como uma onda de calor. Desliguei o telefone do armazém.

A porta do cubículo abre-se de rompante, quase me arrancando o nariz.

O Johnny olha-me de cima a baixo.

— Nunca te disseram que deves baixar as calças para cagar?

— Que estás aqui a fazer?

— O Valentine está a chamar-te todos os nomes de que se lembra. No teu lugar eu tinha medo.

— O que é que estás aqui a fazer, Johnny? — pergunto, fechando o livro, guardando a garrafa de vodka no bolso e deitando o cigarro para o chão.

— Estava preocupado contigo. Não tens retribuído as minhas chamadas, cabrão mal-educado.

— Tive uns problemas domésticos — explico.

— Eu sei.

— Sabes?

— O que é que queres que eu diga? As mulheres falam.

Sáímos da casa de banho e eu espreito para o outro lado da porta para ver como está o Valentine.

Ele vê-me.

— O que é que estás a fazer?

— Vou só dar um pulo à rua com o Johnny. Para falar de negócios.

— Então e a loiça para lavar? Não posso fazer tudo sozinho, sabes?

— Não demoro mais de uma hora.

— Disseste isso ontem e não te voltei a ver — responde o Valentine.

— Então faz também a tua pausa para almoço.

— Não tenho fome, ainda só são onze.

— Bem... então faz só o que puderes. Tchau.

O Johnny está a sorrir.

— Fazia-te bem um treino de gestão.

— O que me fazia bem era uma cerveja. Anda.

* * *

— Estás a ser muito furtivo — diz o Johnny.

— De certeza que não queres uma cerveja? — pergunto.

— Não, ainda é um bocado cedo para mim. Então, o que se passa, Ben?

— Provavelmente sabes mais do que eu.

— Bem, sei que estás na casa do teu pai e que a Emma vai embora... Estremeço.

— O que aconteceu?

— Vai correr tudo bem, Johnny. Ela só vai viajar em trabalho. Ele olha-me de lado.

Baixo o olhar para o copo de cerveja e sorvo um gole de *Guinness*. Talvez devesse contar-lhe tudo? Mas ele tem uma certa forma de evidenciar a minha estupidez. Ao longo dos mais de trinta anos em que o conheço, nunca pôs um pé em falso. Sou o seu oposto e o seu escape.

Só houve uma vez em que pude salvá-lo da mesma forma que ele costuma fazer por mim. Ele nem sempre teve muito juízo com o dinheiro. Quando tínhamos 16 anos, levei porrada no lugar dele por causa de uma dívida de póquer que ele não pagou. Os pais teriam dado cabo dele se soubessem quanto dinheiro ele tinha jogado; o que tinha roubado e vendido como resultado. Já o meu pai, aceitou a minha desculpa de que tinha sido assaltado e deu-me um frasco de desinfetante *Dettol* para os golpes.

— E o que é que a Amanda te contou?

A mulher do Johnny e a Emma são melhores amigas.

— Apenas que a Emma está exausta, confusa e no limite no que diz respeito a ti, a vocês. Não parece que vá correr tudo bem, Ben. Porque é que estás a sorrir?

Não me tinha dado conta de que estava a sorrir. Mas a ideia do segredo partilhado desta conspiração, da representação aparente da Emma, animava-me de certa forma. Da mesma forma que suponho que um caso amoroso me animaria. A excitação do risco. E agora tenho medo

de já ter dito demasiado, de me ter mostrado demasiado animado. Faço sinal à Andrea para me trazer outra cerveja.

— O que é que queres que eu diga? — respondo.

— Só quero que saibas que podes contar comigo, está bem?

E agora sinto culpa por causa da mentira.

— Olha, Johnny... o que se passa é que...

— O quê?

— Isto não é real.

— Do que é que estás a falar, Ben?

— Da separação. Só estamos a fazer isto por causa do nosso caso em tribunal.

— É tudo a fingir?

Aceno com a cabeça. Os olhos do Johnny fitam-me, como se estivesse a avaliar-me, e o ceticismo dele torna o chão debaixo do meus pés esponjoso e menos firme.

— É que parece... enfim... um pouco extremo, se é tudo a fingir.

O Johnny recua, desajeitadamente.

— Ouvi a Amanda a falar ao telefone com ela, provavelmente entendi mal — explica.

Eu limito-me a beber, para esconder o rosto e acalmar-me perante o medo que sinto.

— Seja como for — diz ele —, agora que te meteste nesta situação ridícula, há alguma coisa que eu possa fazer por ti?

— Dava-me jeito alguma ajuda com o Jonah. Um pouco de companhia seria bom.

— Não há problema, o Tom ia adorar ver o Jonah. Liga-me e combinamos qualquer coisa. — Ele olha para o relógio. — Tenho de voltar, mas liga-me, está bem?

— Sim, eu ligo-te. Obrigado.

Abraçamo-nos e ele sai. Observo-o pela janela enquanto caminha determinadamente em direção ao metro e desaparece de vista.

Porque é que não o odeio? Detesto ser salvo, é o tipo de sensação que vem da familiaridade. Parece que me sinto mais diminuído quando

tenho de pedir ajuda; especialmente quando é indesejada, como é frequentemente o caso com o meu pai e o Johnny. É o complexo do cavaleiro: quando uma pessoa nos salva a vida, ficamos em dívida para com ela para sempre, mesmo que não haja essa obrigação nem a sensação de que o outro a deseje. Mas eu detesto sentir-me em dívida. Consigo suportar dever dinheiro ao banco, ou a uma instituição impessoal como as finanças, mas uma dívida emocional? O tipo de dívida que eu tenho de carregar como uma mochila cheia de pedras? Recebi a bagagem vazia e a primeira pedra dos meus pais, e, à medida que lhe iam acrescentando mais peso ano após ano, nunca me mostraram a arte de a descarregar. Preciso de um geólogo, de um arqueólogo e de um psicólogo, e não posso esperar que o meu melhor amigo seja as três coisas.

O relógio do Bell's Whisky diz-me que já é uma e meia e que já passei o ponto de retorno. O telefone do trabalho continua desligado. A Emma não me vai telefonar, acabo de ver o Johnny e o meu pai não me telefona há dez anos — limita-se a aparecer como um oficial de diligências com um martelo de forja. E, claro, o Jonah não me vai telefonar tão cedo. Por isso, caminho como um hipopótamo no lamaçal do anonimato, esquivando-me ao apelo do conforto e às glórias de uma conversa sobre estuque, a pensar na minha mulher, a preocupar-me com a minha mulher, com saudades da minha vida.

E SE O SEU FILHO, SEM NUNCA FALAR, LHE ENSINASSE A MAIOR LIÇÃO DA SUA VIDA?

Os Jewell podiam ser uma família comum, mas as suas relações disfuncionais e as sombras de um passado desconhecido não o permitem.

Ben Jewell bateu no fundo do poço. O seu filho de dez anos, Jonah, sofre de autismo profundo, e tanto ele como Emma, a mãe exausta, começam a não conseguir lidar com a doença. Para que o filho seja aceite numa escola adaptada às suas necessidades, decidem forjar uma separação. As lembranças de um casamento feliz são agora meras memórias, perdidas por entre os silvos e os ataques de Jonah.

Ben muda-se para casa do seu pai Georg e leva Jonah consigo. E a partir desse momento, o silêncio que habitava entre as três gerações de homens desaparece. A aura quase mágica de Jonah vai mudar o triste fado da sua família para sempre.

**Esta é uma história onde o amor e a dor
nascem, vivem e morrem siameses.
Um romance que nos faz chorar, rir e pensar.
Altamente recomendado para fãs de Jojo Moyes.**

«Impressionante. Uma montanha-russa de emoções
que passa pela tristeza, comédia e raiva.»

The Guardian

«Uma história inesquecível.»

The Times



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-87-9



9 789898 800879

Literatura Traduzida